Léssica

A revista do Lettera

#2 junho 2018

Nay Rosário: conheça a dama da noite

Quem é Bastiat? Entrevista com a autora

Resenha da trilogia Suave Tom do Abismo

EDITORIAL

A Léssica saiu dos bancos acadêmicos e ganhou vida própria! A primeira edição fez parte de um projeto da faculdade que desenvolvi no semestre passado, mas agora a segunda edição veio para mostrar que ela veio para ficar, trazendo representatividade para as mulheres lésbicas, e principalmente dando voz a quem faz o Lettera acontecer.

A chamada foi feita e o material veio fartamente, infelizmente não pude aceitar tudo, pois a revista tem uma linha editorial a seguir, mas o resultado das mentes criativas dessas mulheradas está aí, nestas 44 páginas.

Além dos textos e ilustrações recebidos, bati um papo pessoalmente com Nay Rosário e entrevistei por e-mail Bastiat, duas autoras de alta qualidade do Lettera. Quer se ver na próxima revista? Manda pra gente! O e-mail é contato@projetolettera.com.br

Que a literatura feminina se fortaleça cada vez mais!

Cristiane Schwinden

SUMÁRIO

4
LANÇAMENTOS
As novidades na cultura lésbica

6
RANKING
As mais lidas do Lettera

8
ENTREVISTA
Bate bola com a autora Bastiat

12
A COLOMBINA E O PIERROT
Em encontro de almas numa festa a fantasia
Conto de Nay Rosário

16
ESCURO ONDE MAIS SE VÊ
Encontros e desencontros no escuro.
Conto de Diedra Roiz

22
FINAIS FELIZES SÃO UMA REVOLUÇÃO EM SI
Sobre a necessidade dos finais felizes nas narrativas lésbicas.
Por Helena Alvim

24
SER FÁCIL OU SER DIFÍCIL, EIS A QUESTÃO
Os dilemas das mulheres em busca de liberdade numa sociedade machista.
Por Tamires Marinho

28
CAPA
Por dentro do mundo criativo de Nay Rosário

32
A NOIVA
Os preparativos para um enlace de amor
de May Poetisa

34
ALMA GÊMEA
A sorte de encontrar o amor da sua vida
por Maria Suzie

36
DÁDIVA DO NILO
Um encontro de almas
por Débora Valadares

38
FANART
Histórias do Lettera ganham ilustrações

40
RESENHANDO
A trilogia O Suave Tom do Abismo, de Diedra Roiz, resenhado brilhantemente por Linier Farias

Foto: Cristiane Schwinden

EXPEDIENTE

Editoria chefe e diagramação:
Cristiane Schwinden

Fotografia:
Lorena Cova

Agradecimentos:
Lorena Cova, Nay Rosário, Diedra Roiz, Daniela Bastiat, Jane Formigoni, Erika Lima, P. Farias, Tamires Marinho, Bárbara Alvim, May Poetisa, Maria Suzie, Débora Valadares, Linier Farias, Drikka Silva.

Léssica é uma revista integrante do projeto Lettera, acesse: projetolettera.com.br

LETTERA
Literatura Lésbica

LANÇAMENTOS

O MAU EXEMPLO DE CAMERON POST

Emily M. Danforth

No site: amazon.com.br
448 páginas

Sinopse: Quando os pais de Cameron Post morrem em um acidente de carro, a primeira coisa que ela sente, para sua própria surpresa, é alívio. Alívio que eles nunca vão precisar saber que, algumas horas antes, ela estava beijando uma menina.

Mas o alívio não dura, e Cam é forçada a morar com sua tia ultraconservadora e sua bem-intencionada mas antiquada avó. Ela sabe que, daqui em diante, tudo será diferente. Sobreviver nessa pequena cidade rural de Montana exige que Cam finja ser igual a todo mundo e evite assuntos indelicados (como diria sua avó), e ela é boa nisso.

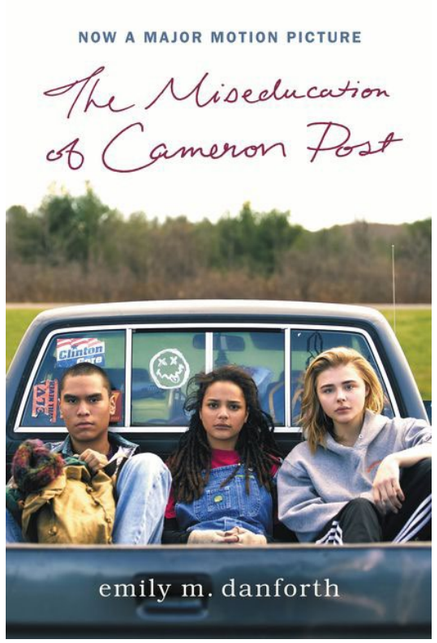
Até que Coley Taylor chega à cidade. Coley é perfeita, e tem um namorado perfeito para completar. Ela e Cam forjam uma amizade intensa, que parece deixar espaço para algo mais. Mas assim que isso começa a parecer possível, a religiosa tia Ruth decide que é hora de 'consertar' sua sobrinha, a mandando para Gods Promise, um acampamento de conversão que deve 'curar' sua homossexualidade. Lá, Cam fica frente a frente com o custo de negar quem ela é - mesmo que ela não tenha certeza que sabe realmente quem é.

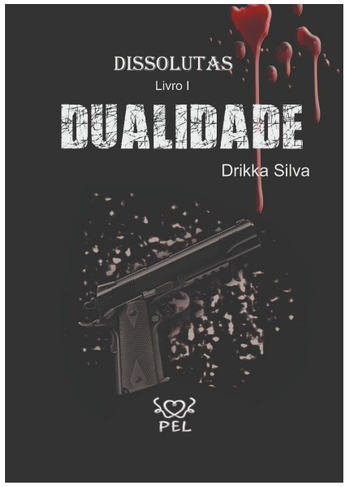
O MAU EXEMPLO DE CAMERON POST (FILME)

O filme venceu o prêmio do júri, principal categoria no Festival de Cinema de Sundance em janeiro deste ano, mas ainda não tem data oficial de lançamento.

Com Chloe Grace Moretz como protagonista, o filme impressionou o júri e os espectadores com a história de uma adolescente que se vê obrigada a passar por uma terapia depois que é flagrada em uma relação sexual com a rainha do baile de formatura da escola.

Com: Chloë Grace Moretz, Sasha Lane, John Gallagher Jr.



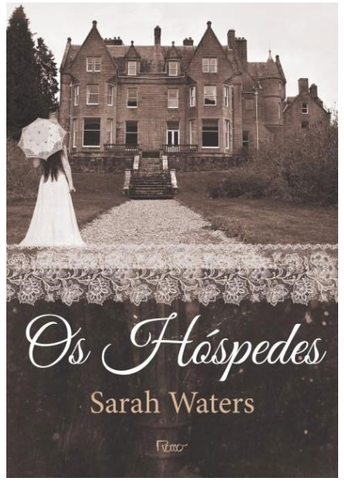


DUALIDADE

Drikka Silva

Editora PEL: editorapel.com.br
254 páginas

Sinopse: De um lado, Paola Chernicchiaro, a violenta e implacável chefe de uma Organização criminosa internacional, cujo fiel escudeiro mantém frustrada qualquer ação policial que possa prejudicar sua chefe. Do outro, Maria Luiza Hubermann, Malu, agente federal recém formada e com pouca experiência em trabalhar infiltrada, mas perspicaz e ávida por mostrar que sua competência vale mais do que sua beleza. Nesse duelo nada convencional, cercado de segredos e dúvidas, Malu não medirá esforços provar seu valor pessoal e profissional em um jogo de duplicidade.



OS HÓSPEDES

Sarah Waters

Lançamento no Brasil: 05/06/18
416 páginas

Sinopse: Os hóspedes é ambientado na Inglaterra pós-Primeira Guerra, numa Londres em que a fome e o desemprego são realidade, uma empobrecida viúva e sua filha se veem obrigadas a alugar um quarto de sua outrora elegante casa em Camberwell para tentar sobreviver aos novos tempos. A chegada do jovem e moderno casal Barber, no entanto, transforma a vida das esnobes Sra. Wray e Frances de forma inesperada quando uma paixão devastadora vem à tona, suscitando profundos questionamentos sobre os valores de uma época.

RELATOS E CRÔNICAS DA GAROTA NOVA: O FURACÃO CHAMADO ENSINO MÉDIO

Márcia Dantas

Ebook na Amazon
79 páginas

Sinopse: Bianca se mudou recentemente e tudo o que quer é passar pelo Ensino Médio sem maiores traumas, de preferência sem ser notada. No entanto, bastou colocar os pés no pátio da escola para que sua vida virasse de cabeça para baixo: Giovanna, a garota mais popular da escola, não gostou muito de sua chegada e está disposta a infernizar a vida da garota nova. Tudo piora quando Bianca acaba percebendo que se sente atraída por sua algoz.Como Bianca conseguirá sobreviver ao furacão chamado Ensino Médio?

RANKING

AS 10 MAIS LIDAS NO TRIMESTRE

1
A DAMA SELVAGEM
GehPadilha

2
MY SUNSHINE
RubyRose

3
MY ONLY SUNSHINE
RubyRose

4
NO BALANÇO DO AMOR
Tokiomah

5
COMÉDIA ROMÂNTICA
Lethicia

6
ASTRUM
Bastiat

7
UM NOVO COMEÇO
Maktube

8
TOMADA DE ASSALTO
Cristiane Schwinden

9
UMA PEQUENA APOSTA
Rafa

10
O CASO DAS ROSAS
PamG

Capítulo mais lido de todos os tempos:
Última noite de amor
Autora: Vandinha
Capítulo 3
12.972 leituras

Capítulo mais comentado de todos os tempos:
Entre olhares e sorrisos: encontrei você
Autora: Gi Franchinni
Capítulo 60
83 comentários

QUEM É BASTIAT?

ENTREVISTA

Qual seu nome? Sua idade? Onde mora? Quer saber mais sobre Bastiat? Desfrute as próximas páginas e entre no universo dessa jovem escritora, autora de A Fortiori e Astrum.

ENTREVISTA

Daniela, 23 anos, mora em São Paulo. Com duas obras no Lettera, a jornalista mostra a que veio: histórias intensas, recheadas de questionamentos de tabus e dúvidas polêmicas, que juntas já somam quase 200 mil leituras.

Quando você começou a escrever? Teve alguma inspiração?

Colocar as ideias no papel mesmo, de verdade, foi aos 18 anos de idade. Posso dizer que fui uma criança com muita imaginação e até meus 12 anos achava normal, mas depois percebi que eu não conseguia parar de criar histórias na minha cabeça. Era engraçado, porque as histórias eram construídas um pouco a cada dia como capítulos e eu não me perdia. Acho que demorei a perceber que eu tinha que colocar aquelas histórias em algum lugar, mesmo que fossem só para mim.

Depois passei por um dilema que me dizia que seria bobagem colocar para fora, mas algo gritava para sair da minha cabeça e me arrisquei escrevendo "A Fortiori". Ainda sim sem pretensão de mostrar para alguém. Então comecei a escrever e não parei mais.

Acho que todos os livros que já li na vida me inspiraram de alguma forma, mas não alguém específico.

Suas personagens são inspiradas por pessoas reais? Ou simplesmente surgem?

Não, nenhuma. Elas simplesmente surgem de verdade. Aparecem quando menos espero e geralmente já trazendo alguma "bagagem de vida" e vai meio que me apresentando outras personagens para compor o enredo.

O retorno e os comentários das leitoras influencia na sua escrita?

Influenciar? Não. Eu não usaria a palavra influenciar, pois eu sempre posto apenas um trabalho que já está quase que completo ou pelo menos fechado, então é difícil mudar o rumo ou algo da história. Mas é sim mais empolgante postar os romances com comentários, adoro lê-los.

Gosto do envolvimento que muitas tem, dos comentários que tentam adivinhar o que vai acontecer e do carinho que elas sempre me tratam.

Quais suas inspirações? Tem escritores favoritos?

Por incrível que pareça não leio tanta ficção como gostaria, então pode soar entranho eu citar filósofos, sociólogos, historiadores ou jornalistas. Porém, eu tenho sim uma escritora favorita que é a Ayn Rand. Não posso deixar de citar a escritora da minha infância e adolescência, J. K. Rowling. Ah, tem os livros da Patricia Highsmith também.

Qual sua personagem favorita? Qual o maior defeito e a maior qualidade dela?

Acredito que seja a Laura de 'A Fortiori'. Gosto dela porque foi uma criação difícil e sempre rola aquele apego aos complicados, não sei bem o porquê. Defeitos não faltam, mas acredito que o maior é a fraqueza dela pois geram outros defeitos como, por exemplo, o egoísmo.

Qualidade... o reconhecimento dos males que fez e conseguir se reerguer.

Se a protagonista do seu último romance pudesse te falar algo, o que ela falaria?

Montserrat falaria: Moda?! Sério?! Eu disse que queria ser empresária do ramo de joias!

Sara: Você não deveria ter matado o João.

Qual sua profissão? E seus hobbies?

Eu sou jornalista. Tenho como hobbies escrever romances, patinar, ler, assistir filmes, jogar muita conversa fora e gosto de andar a cavalo, mas nem sempre consigo. L

> *Você pode ler os dois romances de Bastiat gratuitamente no Lettera.*

CONTOS

A COLOMBINA E O PIERROT

Por Nay Rosário

A menina Pierrot de olhos amendoados, sorriso simples, que aprecia as flores e os pequenos momentos esconde cicatrizes. Tão profundas e bem desenhadas quanto o Dente de Leão tinturado em sua branca pele. Por não gostar de sol e ser fã dos antigos bailes mascarados venezianos, os amigos apelidaram-na de Pierrot.

Embora não gostasse de apelidos, abriu uma exceção a Mas claro que só poderiam chaassim na ausência de pessoas não eram consideradas por ela como detentora de intimidade. Conquistar sua confiança facilmente era uma missão impossível. Fruto do passado. Mas aqueles que conseguiam poderiam sentirem-se privilegiados por serem escolhidos.

A primeira vista, era apenas mais alguém transformado pelos dissabores do amor, mas em seu ínfimo havia aquela inocência do doce e apaixonado Pierrot. De poemas e poesias fazer a pessoa amada, venerá-la em todos os momentos, protegê-la sob suas asas dos males mundanos que machucam e moldam as flores de textura macia em cactos espinhosos.

> "Logo ela, a decisão em pessoa encontrava-se em meio a dúvidas"

O primeiro deles, Cravo, também conhecido como Daniel, a conheceu em um momento delicado para a moça. Tinha rompido com uma relação de seis anos ao descobrir que sua esposa a traia com homens e mulheres sendo o ultimo casinho com uma colega de trabalho, frequenta-assídua das pequenas reuniões promoviam.

segundo, Lírio, Emílio, foi desig-para ser seu assistente/estagiá-no escritório de advocacia onde balhava. Seu jeito muitas vezes atrapalhado e protetor a cativou e ela que dificilmente saía para Happy Hours passou a acompanhá-los. A terceira, Camélia, Hellen, uma cliente requerendo divórcio após flagrar o marido entre as pernas da secretária em pleno sexo oral. Afinidade instantânea. Os três mosqueteiros* uniram-se e uma amizade baseada em respeito, confiança e cumplicidade nasceu.

Nesses anos, viram a Pierrot envolver-se em enlaces vazios que duravam no máximo uma ou duas semanas. As mulheres que passavam por sua vida sequer conheciam seu apartamento. Ali era o santuário

e apenas a eleita teria o direito de conhecê-lo. Quando questionada, ela dizia estar bem dessa forma.

As festas de fim de ano aproximavam-se e as sugestões de temas para a confraternização já haviam sido expostas para votação. Tinha desde um dia de sol em um clube aquático qualquer até um sofisticado jantar no restaurante mais badalado do momento. O vencedor foi um baile carnavalesco e obviamente essa sugestão vinha da Pierrot.

O lugar seria um palacete alugado com vista lateral para o mar atlântico. A decoração por conta de uma empresa terrizada especialista nesse tipo ornamentação.

Os mosqueteiros arrumaram-se em uma competição interna de fantasias. Daniel optou por vestir-se tal qual o famoso agente James Bond* em um traje social que consistia na calça social, colete e paletó de linho preto, blusa social branca, sapato de couro negro e por dentro do paletó um coldre com armamento de brinquedo que ele apelidou de pistola do amor.

Emílio seria Houdini* com seu traje de banho da decada de 50 e por cima um sobretudo negro escondendo seu corpo atlético. Nos bolsos haviam um par de algemas falsas, um baralho de cartas marcadas e alguns lenços coloridos para encantar as moças.

Hellen, em sua exuberância e elegância no andar, daria vida a Mulher Gato* em um macacão de couro negro com direito ao rabo, as garras e uma máscara com as orelhas gatunas. Suas unhas pintadas de preto e um pingente em pedra onix em formato de lua completavam o quadro que Halle Berry* não poderia fazer melhor, principalmente depois do sorriso lascivo direcionado aos rapazes.

> "O sorriso tímido fez ressoar a cuíca no compasso do repique"

A Pierrot estava indecisa sobre o que usar. Havia a fantasia de um capitão pirata em uma calça marrom saruel, botas de couro de boi, uma blusa social folgada e o chapéu de couro acinzentado. Os acessórios eram punhal de plástico e o tapa-o- Mas também tinha um príncipe tado em pompa e roupa de com alguns proches em seu azul royal e uma coroa de ouro branco com algumas pedras a espera da sua escolha. Logo ela, a decisão em pessoa encontrava-se em meio a dúvidas. E acabou optando por algo que lhe fugia a regra ao mesmo tempo em que seria tão óbvio.

Buscou em seu guarda-roupas uma túnica branca e com alguns circulos pretos, um lenço antigo também branco de seda e enrolou em seu pescoço e uma sapatilha baixa nos pés. Já na penteadeira, um coque havia sido feito em seu cabelo e preso com uma rede. Um pote de tinta guache branca era espalhado em sua face e uma lágrima solitária havia sido desenhada como toque final. Os olhos amendoados contemplou-se no espelho do closet e aprovou seu look. Saiu sorrateira até a sala enquanto os amigos discutiam sobre uma banalidade qualquer. As vozes cessaram ao vê-la em seu simples traje. A mulher-gato aproximou-se espreitando-a. Ah se ela pudesse...

O palacete misturava Grécia, Roma e Veneza em seus ambientes. Os convidados espalhados conversavam tentando descobrir quem era quem. Alguns já um pouco alcoolizados, paqueravam. Os amigos espalharam-se e procuraram sua diversão. A certa altura, a jovem afastou-se para a lateral que dava vista ao mar. Aquelas águas calmas e profundas exerciam sobre si uma força incrível. Estava tão concentrada que não percebeu que alguém havia parado ao seu lado e também observava aquela perfeição esculpida pela natureza.

Quando pensava em seguir seu caminho, sentiu um citrico perfume no ar e seguindo seu olfato encontrou a dona de tão diferente perfume. Os olhos da Pierrot reluziram ao vê-la tanto quanto a constelação de maior brilho no céu. Ela era tão linda quanto uma flor ao desabrochar e seus olhos azuis facilmente poderiam ser confundidos com turquesas ou turmalinas, pedras preciosas. O sorriso tímido fez ressoar a cuíca no compasso do repique.

Não trocaram palavras e sim um convite mudo para uma dança. Mão estendida e aceita. Dois corpos colaram-se a luz do luar tendo como testemunha o mar. Nada foi proferido e/ou prometido. Nem mesmo sabiam quem eram por trás de máscaras e fantasias, mas talvez ali, naquele momento estivesse sendo traçado o destino da galante Pierrot. Talvez ali, em seu abraço esteja aquela destinada a ser alguém de muita importância em sua, até então, cinza vida. L

Continua...

Referências citadas:

Mosqueteiros: Os Três Mosqueteiros é um romance histórico escrito pelo francês Alexandre Dumas.

James Bond: James Bond, também conhecido pelo código 007, é um agente secreto fictício do serviço dae espionagem britânico MI-6, criado pelo escritor Ian Fleming em 1953.

Houdini: Harry Houdini, ("O Grande Houdini") nome artístico de Ehrich Weisz um dos mais famosos escapologistas e ilusionistas da história.

Mulher gato: personagem da DC Comics com o mesmo nome, que é tradicionalmente uma anti-heroína e tem um interesse amoroso pelo super-herói Batman.

Halle Berry: Atriz norte-americana que interpretou no filme Mulher gato a protagonista em 2004.

Pierrot: é uma personagem da Commedia dell'Arte, uma variação francesa do Pedrolino italiano. O seu caráter é aquele de um palhaço triste, apaixonado pela Colombina, que inevitavelmente lhe parte o coração e o deixa pelo Arlequim, mas depois Colombina descobre o amor de Pierrot por ela, despede-se de Arlequim e reencontra Pierrot com quem passa a viver junto em um relacionamento com muita felicidade.

CONTOS

ESCURO ONDE MAIS SE VÊ

Por Diedra Roiz

Terminaram por uma besteira. Algo tão sem importância que até esqueceram. Mas a separação durou.

Um, dois, três meses.

Mesmo sem que ninguém, nem elas mesmas, entendesse bem o porquê.

Os dois anos de namoro haviam sido tumultuados, com certeza. Mas nem por isso menos intensos.

Se se amavam? Provavelmente. Não haviam parado para se questionar a esse respeito.

Desde o começo a inevitabilidade da relação dominara-as, acomo se nada pudessem fazer.

Do encontrão no bar próximo ao trabalho de ambas, e o resultado: as duas no banheiro tentando limpar as roupas encharcadas de cerveja. Depois, a carona oferecida por Clara, e o primeiro beijo com o carro estacionado na portaria de Júlia.

Tudo estonteantemente intenso e rápido. Inexplicável, poderia se dizer. Principalmente se considerássemos que se relacionar com outra mulher não era, nem de longe, algo que já houvessem feito.

Mas pareceu natural, simples e perfeito.

As duas dormindo juntas naquela primeira noite em que a única coisa que sabiam uma da outra eram os nomes e que estavam descobrindo algo incrível.

No dia seguinte, a despedida entre beijos intermináveis, muitos carinhos e um insaciável desejo. Os corações disparados e incontrolavelmente ligados, como se fosse para isso que houvessem sido feitas.

Júlia terminou com o namorado. Clara procurou um amigo gay. Surpresa por tudo se resumir na frase que veio:

- Nunca pensei que pudesse ser assim.

Nenhuma das duas parou para pensar, questionar, pesar. Apenas seguiram o sentimento inegável, irresistível: precisavam viver aquilo.

Não foi fácil, nem tranquilo, as famílias não aceitaram, perderam alguns amigos.

Porém nenhum preconceito, intolerância ou sofrimento foi capaz de impedi-las. Pelo contrário, as adversidades e obstáculos apenas pareciam fortalecê-las.

Então por que terminaram? Qual foi a razão, o motivo? Um ponto, uma reticência, uma vírgula? Não sabiam. Foi numa noite de chuva, regada a muita bebida.

Sombria antes mesmo de a eletricidade cair.

E à luz da única vela que possuíam, começaram a discutir.

O que disseram? O que se falaram? Simplesmente não lembravam.

"Descendo, penetrando, entrando. Jornada em direção ao mais inatingível e íntimo recesso da própria alma"

Daquela noite, só o som das palavras ríspidas permaneceu, grudadas nos ouvidos.

Clara saiu batendo a porta, deixando Júlia sentada no chão da sala, sozinha, enquanto o toco de vela ia se apagando, a cera derretida afogando o restinho de pavio.

Depois disso, não se falaram mais.

Ambas muito parecidas. Magoadas, ressentidas, ofendidas.

Mais ainda: imersas numa teimosia capaz de lhes dar a ilusão agridoce de terem certeza de estarem certas, apesar de sequer lembrarem o motivo da briga.

E assim, a separação durou um, dois, três meses. Sem que nenhuma das duas desse o braço a torcer.

Durante o dia, mantinham no rosto seus melhores sorrisos, adeptas que eram do "discreto charme da burguesia".

À noite, os travesseiros as socorriam. Neles afogavam mares inteiros antes de dormirem, embaladas pelo gosto do vazio.

Se os amigos tentaram ajudar? Decerto que sim. Mas não conseguiram.

Tentar tocar no assunto acarretava sempre a mesma resposta:

- Não quero falar sobre isso.

Um dia se viram em um engarrafamento dentro de um túnel. Clara dirigindo o carro dela, Júlia de carona com uma amiga. Ficaram lado a lado, janela a janela. Mas nada se falaram.

Apesar da escuridão e da fumaça, Clara ainda teve o impulso de abrir o vidro. Mas o carro na frente do dela andou e simplesmente... Foi obrigada a partir.

Júlia continuou sentada, estática, como quem não acredita. Pegou o celular, os dedos correndo rápidos pelo teclado, digitando a redentora combinação de dígitos. Porém, antes que pudesse apertar o botão que faltava para que a voz de Clara soasse em seus ouvidos, começou a pensar:

- Quando ela atender, o que eu digo?

Não encontrou uma resposta. Nada. Ausência de luz que a demovia.

Não fazia ideia do que realmente queria. Algo entre gritar, xingar e confessar a falta que Clara fazia. Entretanto... Sequer sabia se Clara atenderia. Preferiu ouvir a autocrítica:

- Bobagem! Estou muito carente, só isso. Preciso beijar na boca, sair, me divertir.

Clara chegou ao trabalho se sentindo... Esquisita. Um incômodo estranho no estômago, uma ansiedade sem sentido. Ligou para o melhor amigo:

- Vi a Júlia hoje.

Ele deixou escapar um grito feliz:

- Até que enfim! Se acertaram?

Clara deixou escapar um suspiro absolutamente triste:

- Ela nem falou comigo - antes de explicar detalhadamente o que havia acontecido.

Júlia ficou assustada no início. Era a primeira vez que entrava numa boate lgbt sem Clara. Sozinha.

O arrependimento começou a cortejá-la. Não fazia o estilo dela, não gostava de ficar com quem não conhecia. Nunca nem havia beijado uma mulher antes do esbarrão fatídico.

Porém – repetiu para si mesma, pela milésima vez - se já havia acontecido - uma única vez, mas havia – poderia se repetir.

Olhou em volta forçando os olhos a distinguirem algo nas formas abstratas que se moviam na pista. Caminhou até o bar colecionando sorrisos no caminho. Sem corresponder, porque... Não queria fingir. Queria... Voltar a sentir.

O barman foi simpático? Estava dando em cima? Ou o turbilhão que naquele momento se encontrava no interior de Júlia era muito explícito?

Ele perguntou, com um enorme sorriso:

- Perdida?

A cabeça de Júlia foi sincera, e respondeu acenando:

- Sim.

Foi quando por sorte, coincidência, ou ironia do destino, Júlia viu alguém conhecido: o amigo gay de Clara.

Feliz ou infelizmente – não soube definir – sozinho.

Ele se aproximou, pura simpatia. Júlia estranhou, mas disfarçou, tamanho foi o alívio.

- Queridinha, que surpresa maravilhosa te ver aqui!

Foi o que disse antes de arrastar Júlia para o andar de cima.

Sentaram num dos sofás do lounge. Júlia bebendo rapidamente a caipirinha de lima que ele gentilmente havia oferecido.

Falaram banalidades. Júlia absolutamente consciente do quanto era inevitável que o que realmente queria saber surgisse:

- E a Clara?

Ele deixou escapar um som muito difícil de definir. Antes de informar:

- Na mesma.

Observando Júlia atentamente depois que deu a notícia. Perguntou:

- E você?

Júlia se sentindo um detrito de naufrágio carregado pelas ondas ao confessar:

- Sozinha.

Ele sorriu e pediu:

- Me espera aqui um pouquinho? – apontou para a caipirinha, explicando: - Vou buscar mais uma. Júlia apenas assentiu.

Se ele demorou uma eternidade ou um segundo para retornar, Júlia não conseguiu definir, imersa que estava em tentar voltar os olhos para dentro de si. Descobrir o que queria, pensava, sentia.

Não enxergava. Chegou a apontar a lanterna do celular para o próprio peito.

Começou a rir depois do ato esdrúxulo. Censurou o momento insano se justificando:

- Só posso estar bêbada!

Levantou, decidida a ir embora, quando o amigo de Clara finalmente retornou, gritando:

- Você não vai acreditar! – e num tom sussurrado, quase confessional, como quem faz um aparte: - Desculpa eu ter demorado...

Júlia não prestou atenção, óbvio.

Só o que pensava, queria, desejava, era sair daquela maldita escuridão.

O amigo de Clara completou, parecendo encantado:

- Aqui tem dark room!

Júlia franziu o cenho.

Não havia razão para o amigo de Clara achar que poderia interessá-la. Como se ela fosse fã, partidária ou praticante de sexo casual.

Será que Clara havia dito algo que o fizesse pensar que...? Não conseguiu completar o pensamento.

As emoções reviraram-se – como quem tenta dar um salto mortal e cai – transformando-se em revolta, indignação e raiva tão rápido que Júlia se viu ofegante, quase sem conseguir respirar.

Ele a pegou pela mão e, antes que ela pudesse se livrar, puxou-a para o andar debaixo.

Pararam em frente a uma portinha ao lado do telão. Ele explicou:

- É o máximo! Um corredor que vai descendo, descendo, num breu total. Vamos ver onde vai dar?

Júlia pensou em protestar. Recusar-se a entrar naquele caminho que só podia, tinha que terminar em...

Hades. Onde mais?

Mas, naquele momento, um estranho sentimento a impulsionava. Um misto de "eu mereço" com "pior não pode ficar" inexplicável.

Deixou que ele a guiasse, uma das mãos unida à dele, que ia gritando:

- Não encostem! Lésbica passando!

No meio dos sussurros e gemidos que ecoavam, Júlia pôde ouvir algumas risadas.

E depois... Não ouviu mais nada. Como se tudo a sua volta houvesse desaparecido. Ou, ultrapassando algum portal, chegasse em um buraco negro, abismo, região abissal. Algum tipo de local que lhe roubasse a clareza dos sentidos.

A escuridão tomou conta dela, abrindo-a, qual faca afiadíssima. Podia sentir na pele, no rosto, nas veias a angustiante sensação de ser rasgada por inteiro.

Irrealidade? Ou enfim, a verdade?

Descendo, penetrando, entrando. Jornada em direção ao mais inatingível e íntimo recesso da própria alma.

Caminharam durante muito tempo? Para Júlia pareceram horas. Dias. Mas o tempo, cruel inimigo de quem se evita, nada mais é do que infinito. Imensurável. Relativo, como tudo na vida.

Quando finalmente pararam, ele disse:

- Chegamos.

Júlia não soube como teve forças para perguntar:

- Onde?

Uma fraqueza quase exangue a consumia.

A resposta foi bizarra. Misteriosa, no mínimo. Quase sinistra:

- Você define.

E então, ele simplesmente sumiu.

Júlia sentiu medo. O coração acelerou, o ar faltou. Pensou:

- Vou desmaiar assim...

Apesar de não saber se a visão realmente estava turva, não enxergava. Ela e o breu tinham se tornado... Um.

Sentiu uma mão no braço. Quis gritar, mas a voz não saiu.

Deixou-se tatear, apalpar. A mão invasora multiplicada em duas.

Correspondeu à altura.

Entre beijos ardentes e carícias muito mais do que íntimas, os dois corpos se procuraram, se deliciaram, se lançaram juntos na satisfação mútua.

No auge do prazer, os gemidos terminaram na percepção, aceitação e rendição àquilo que era ao mesmo tempo razão e loucura:

- Clara...

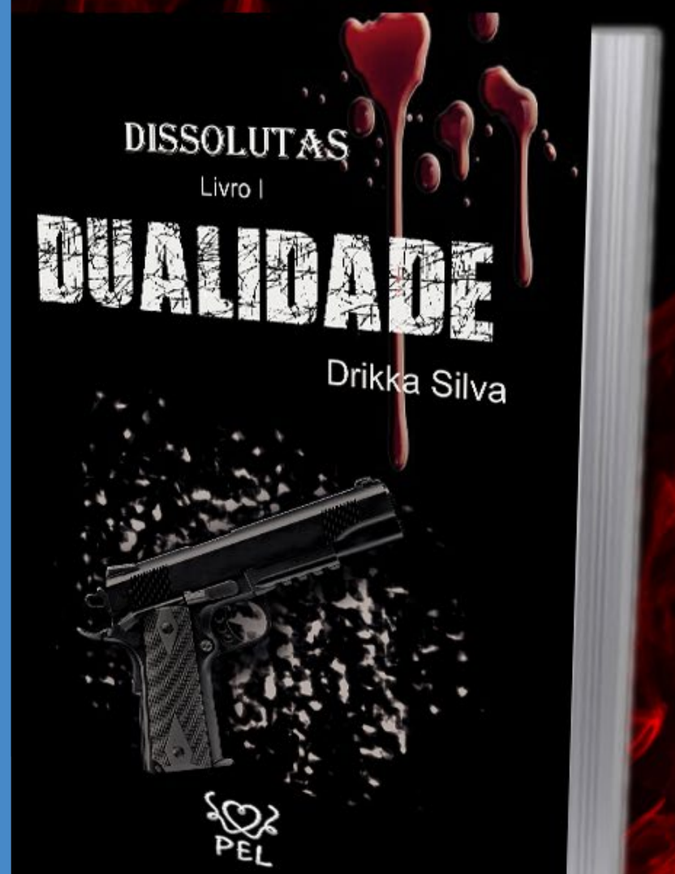
- Júlia...

Visite diedraroiz.com

Lançamento

DUALIDADE

Drikka Silva



Qual o limite de sua integridade diante de uma grande tentação? Para Malu, o importante é vencer a qualquer preço.

PEL

www.editorapel.com.br

IDENTIDADE

FINAIS FELIZES SÃO UMA REVOLUÇÃO EM SI

Sabe aquele conto docinho, de um amor inocente? E aquele policial, cheio de adrenalina? Sabe o que eles (quase sempre) têm em comum? Um final feliz.

Todo mundo gosta de um final feliz. Aquele final que oferece o destino que leitoras e autoras passaram a sonhar juntas - principalmente se for uma história postada capítulo por capítulo -, o final que concretiza o desejo nada oculto de plenitude... De felicidade mesmo.

É que quando lemos uma história, nos transportamos e vivemos um universo inteiro. Um cenário. Um tempo. Uma profissão. Ler é se deixar conduzir e envolver e, por isso mesmo, é uma atividade das mais delicadas. É entrega.

A entrega total não é possível sem que exista um mínimo de identificação. Seja com uma personagem, seja com uma situação. E desse envolvimento nasce o primeiro desejo pela resolução do conflito, pelo final feliz.

No caso da literatura lésbica, outros fatores também influenciam todo esse envolvimento. De um lado, os contos da temática promovem a afirmação da identidade da mulher que ama outra mulher e o inescapável autorreconhecimento das leitoras com todas as dores e percalços que podem vir dessa relação; de outro, vêm suprir a carência de anos e anos de ausência de protagonismo lésbico nos romances alheios.

Quando casais de mulheres começaram a aparecer, e aqui falo de novelas e filmes principalmente, parecia inevitável o final... Desagradável, por assim dizer. Ao lado da superação da invisibilidade, veio um outro paradigma: a tragédia. A

PREPAREM OS LENÇOS:

ASSUNTO DE MENINAS (2003)

AIMÉE & JAGUAR (1999)

VIOLA DI MARE (2009)

Por Helena Alvim

IDENTIDADE

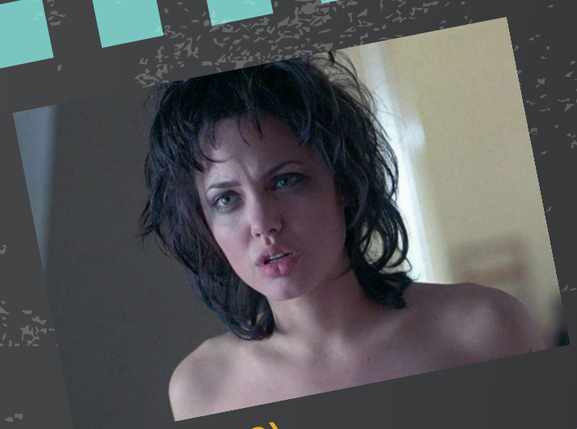
família que não aceita e jamais aceitará; o amor proibido e irrealizável; a depressão; o suicídio ou a morte com contornos de punição divina. O não merecimento do final feliz.

Não sei dizer se esta foi uma fase necessária e que deve ser encarada como um passo para uma pequena vitória. Mas sei que a literatura lésbica veio. Teve que vir pelas mãos desse mesmo público, já cansado da eterna condenação prévia ao insucesso.

Talvez não pudesse ser diferente. Talvez o protagonismo só possa mesmo ser iniciado através da voz de quem tem a irrestrita legitimidade de fala. Talvez, ouso dizer, ninguém antes tenha percebido que o casal lésbico não seria feliz para sempre... Só nós. Nós, que não precisamos pensar sobre isso para sentir que merecemos histórias mais nossas. Histórias com caminhos de felicidade.

Se nos filmes - principalmente os mais antigos, - sobra tragédia; na literatura lésbica, esbanjamos finais felizes. E muito longe de um clichê, o final feliz dos romances lésbicos é um instrumento de revolução. Um grito penetrante, embora discreto, que ecoa para todas nós a clara mensagem de que a felicidade está logo ali. L

DIÁRIO ROUBADO (1993)



GIA (1998)

IDENTIDADE

SER FÁCIL, OU SER DIFÍCIL. EIS A QUESTÃO?!

Por Tamires Marinho

O que é valor? O que é valor moral? O que é a moral? O que é a vontade? O que é a liberdade? O que significa ter valor? O que significa ser uma moça dentro da moralidade familiar? Crescemos ouvindo receitas de como nos comportar para adquirir certas virtudes. Pensava nisso enquanto assistia uma comédia romântica, onde me deparei com a seguinte frase dita por uma jovem a sua amiga apaixonada: "Você tem que esperar ele te ligar, não pode demonstrar interesse. Tem que ser difícil. Homem não gosta de mulher fácil".

Sorri e pensei em como a indústria cultural faz questão de poluir a mente humana. Se formos observar, nossas vidas são feitas de crenças silenciosas, que raramente questionamos. Essa é uma delas: como devo me relacionar com o outro? Como manter minha figura de mulher direita? Então fica a dúvida: Ser fácil ou ser difícil? Eis a questão?

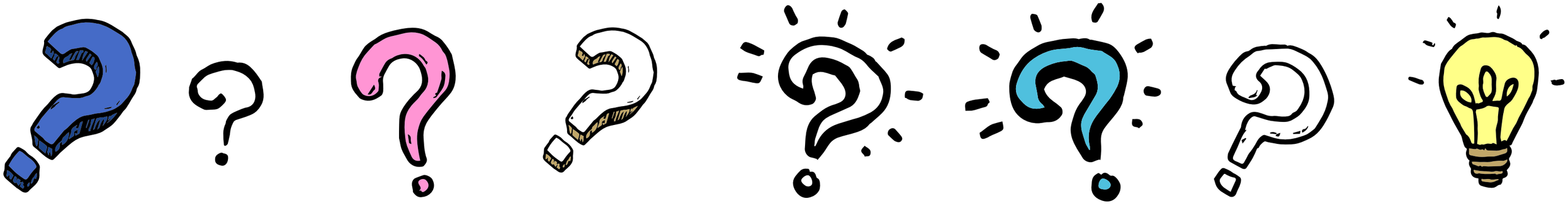
"O primeiro passo é se livrar daquele medo: "o que vão pensar de mim". A critica dos outros não importa"

Ouvi inúmeras vezes que moça direita não é fácil, tem que ser difícil para conseguir um macho alfa. Mas, afinal de contas, o que significa ser difícil? Tenho que demonstrar que não quero, quando na verdade quero? Tenho que fingir que não gosto, quando na verdade gosto? E quando devo parar de fingir? O que significa ser fácil? Sou fácil quando beijo quem tenho vontade de beijar? Quando faço amor, com quem tenho vontade de fazer? A outra pessoa não vai me valorizar? E se a outra pessoa se fizer de difícil também? A gente não vai acabar se perdendo?

A questão é que se não tentarmos nunca vamos saber o resultado. E, mais que isso, não é preciso pensar em vencedores ou perdedores. Viver também é quebrar a cara. Tem que tentar e não conseguir. Achar que vai dar certo e ver que não deu. O risco tanto pode resultar em dor quanto em felicidade. O risco pode ou não valer a pena. A dor não deve ser um motivo de preocupação, faz parte, ninguém foge dela para sempre. Não podemos é permitir que filmes, novelas, séries e a sociedade como um todo continuem afirmando o que é certo ou não nos relacionamentos. Não podemos permitir que nos digam como nos vestir, o que comprar, como nos comportar e como nos relacionar.

Precisamos deixar de lado os complexos que essa sociedade patriarcal nos forçou a acreditar. Mas, ainda temos um dilema: como devo me comportar quando estou interessada em alguém? Devo tomar iniciativa? Devo fingir que não ligo? Não existe receita. Nem fácil, nem difícil. O primeiro passo é se livrar daquele medo: "o que vão pensar de mim". A critica dos outros não importa. Por que não podemos abrir mão de um pouco do nosso orgulho? Por que não podemos nos mostrar descomplicadas, disponíveis?

Mas e o medo? Estará lá, mas o único jeito é tentar. Você pode utilizar o sexto sentido, mas mesmo assim, é apenas uma tentativa. Gostar de alguém envolve riscos e não falo só de relacionamentos amorosos. Em qualquer relação há sempre o risco da pessoa dizer que não quer, que não foi bom, que você confundiu as coisas. Siga suas próprias leis. No fim ninguém é maduro quando se trata de relacionamentos. Abraça o que te faz feliz. L



PERFIL

A MENTE BORBULHANTE DE NAY

Por Cristiane Schwinden

A Dama da Noite aos poucos foi assumindo sua identidade real: Nay Rosário, uma escritora sem medo de abordar assuntos delicados e que tem ainda muita história para contar.

Encontrei Nay numa tarde chuvosa de Salvador, num café que também é um aconchegante sebo de livros no Porto da Barra, participaríamos de um programa de TV logo mais. Radiante em suas vestes brancas, não escondia o nervosismo com a entrevista que daria a seguir. Como eu também estava nervosa, acho que acabamos criando esse primeiro vínculo de nervosismo.

A soteropolitana de 26 anos escreve desde 2007, quando conheceu os sites Livre Arbítrio e Fator X. Desde então já foram produzidos inúmeros romances, contos, crônicas e poesias. Só no Lettera são 21 textos!

"A vontade, na verdade, não era alcançar o mundo literário e sim, externar a ebulição de emoções que haviam em mim."

Na entrevista por escrito Nay contou

Foto: Lorena Cova

sobre o processo de criação das personagens: *"É um misto de pessoas às vezes ditas de beleza comum, mas que tenham algo que as diferenciem das demais. Gosto de trabalhar com as características de pessoas como eu ou qualquer uma outra pessoa porque creio que a identificação ocorre mais facilmente. Tanto as personagens como suas vivências e estilos de vida são bem semelhantes a realidade."*

Do Porto da Barra seguimos para o Imbuí, onde tomamos um café (na verdade já era meu segundo café). Ambas mais tranquilas e mais soltas, o papo cresceu em torno da literatura, aquela conversa gostosa de autora para autora. No quesito feedback das leitoras, temos opiniões em comum: *"O leitor é a peça fundamental deste tabuleiro, pois sem ele não há retorno. Não saberei onde estarei a pecar nem receber os louros. Ouço a todos com bastante atenção, e dentro do que me propus a criar, às vezes faço uso de uma ou outra ideia/sugestão."* Escreveu a estudante de Psicologia.

Outro ponto onde manifestamos opiniões parecidas é sobre os famigerados hots. Eles não sãos os pontos importantes de nossas histórias, Nay também torce o nariz com as cenas gratuitas e excessivas de sexo.

A tarde encerrou deixando a vontade de estender o papo, quem sabe outro café? Ficou em mim a impressão que Nay é daquelas escritoras que não gostam de fazer alarde, mas que tem a mente borbulhando de ideias e criatividade para dar e vender. L

Sua personagem favorita: A jornalista Simone de Nossa Forma de Amar. Ela é intensa, impulsiva e totalmente movida pela emoção, o que pode ser considerado virtude e defeito. Seu maior defeito é a obsessão com relação a sua ex e sua qualidade seria sua determinação.

"Sensibilidade é um dom de poucos. A poesia reside em nós porque o nosso coração é puro". Palavras da Ana Tayó'Nilè, do romance "O Amanhã a Deus Pertence"

Foto: Lorena Cova

Sendo entrevistada por Eugênio Afonso

Capa do romance em andamento: O Convento

Visite o vlog Escritos da Noite:
http://escritosnoite.blogspot.com.br

POEMA

A noiva

Por May Poetisa

Ao anoitecer, antes de se deitar,
A romântica noiva começa a pensar,
Na bela jovem, com quem vai se casar.
As duas moças aspiram ternura,
Pois possuem amor em fartura.
Elas carregam uma a outra no coração,
Vivenciam o dia-a-dia com paixão,
Convivem diariamente com adoração
E cotidianamente transbordam emoção.
Neste casamento,
Elas priorizam o sentimento,
Que para ambas é um portento.
Elas se amam, com tesão e união.
As duas dançam a mesma canção.
Amam sem obrigação e com veneração.
O amor é simples, atento aos detalhes,
Aos toques, sorrisos e olhares.
O afeto delas é dedicado e delicado.
Possuem sentimento afável e durável.
Entre elas existe felicidade e fidelidade.
Só quererem saber de amar e multiplicar.
Nunca foi e nunca será fácil achar,
Um sentimento que não pode desperdiçar
Sortudo daquele que sabe amar.

POEMA ALMA GÊMEA

Como descrever
O que vivemos agora?
Algo surreal;
Como se nossas vidas
Encontraram-se outrora.

Coincidências, sentimentos,
Gostos e aparências...
Está tudo acontecendo
Ao natural,
Apesar das evidências.

Sorte a minha
Te encontrar;
Sinto-me em casa,
Em paz;
Do que poderia duvidar?

E ao me deitar,
Te embalo,
Em meus sonhos;
Te cuido, te velo,
Como não poderia te amar?

Por Maria Suzie de Oliveira

POEMA

DÁDIVA DO NILO

Por Débora Valadares

Ela é uma dádiva do Nilo
que apareceu para irrigar
meu coração e alimentar
com novo fruto a minha vida.

Fruto raro, de sabor singular,
que não dá em qualquer lugar
nem em toda estação do ano.
E que não deve ficar escondido
sob qualquer pano.

Amadurece se enrolado sob
a mais pura seda,
pois não resiste a nada que
não tenha um pouco de beleza.

Pele macia como pêssego,
olhar doce como mel,
sensual tal qual morangos silvestres,
tentadora como as uvas do Olimpo.

Assim é ela,
menina, mulher,
Amada, amante.

Deusa dos meus desejos mais secretos,
das saciedades incontidas.
Dona das minhas vontades,
rainha dos meus pensamentos.

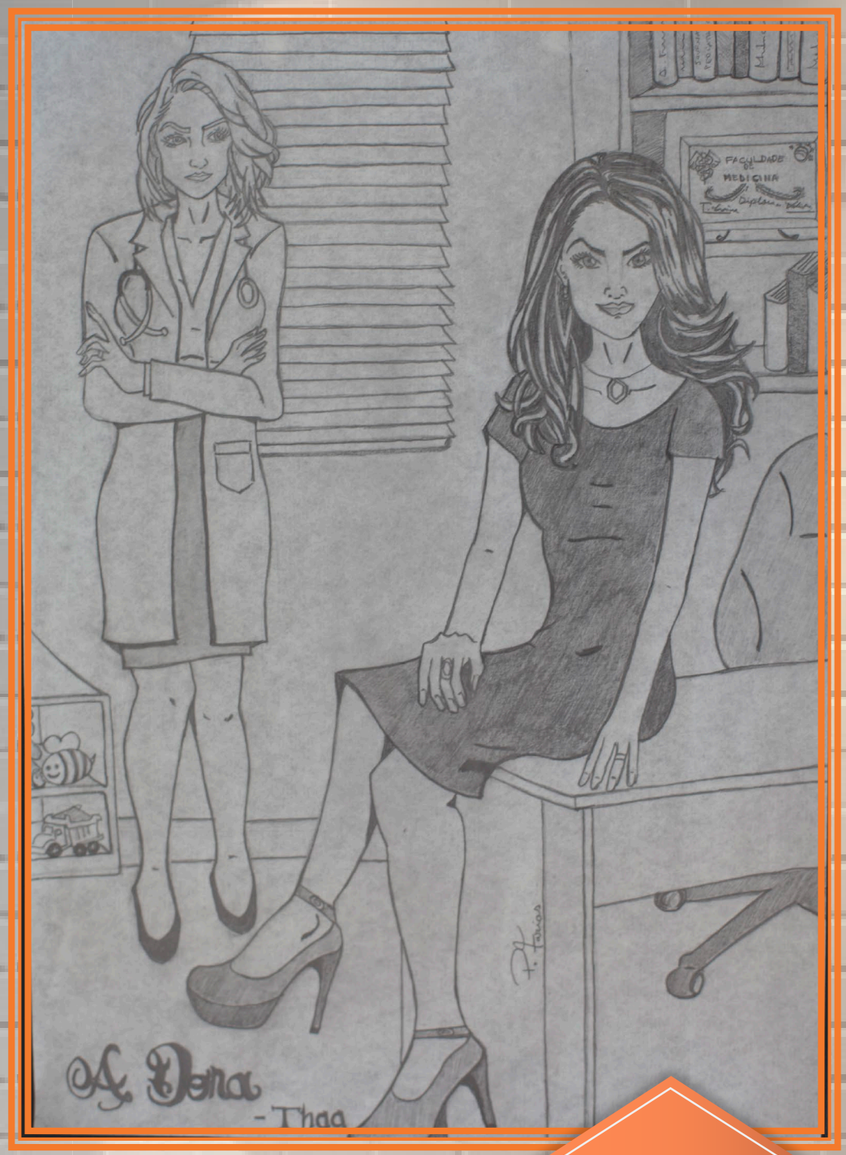
Saborear-te requer um talento
sem igual, como um artista
que com destreza utiliza
o pincel para pintar-te.

Não pode ter pressa,
não pode ter entraves.
As papilas precisam de liberdade
para sentir-te em totalidade.

Sentir-te-ei em mim
a cada instante,
mas nada menos do que
a eternidade. L

Originalmente publicado em Poemas e Inquietudes
(www.poemaseinquietudes.blogspot.com.br)

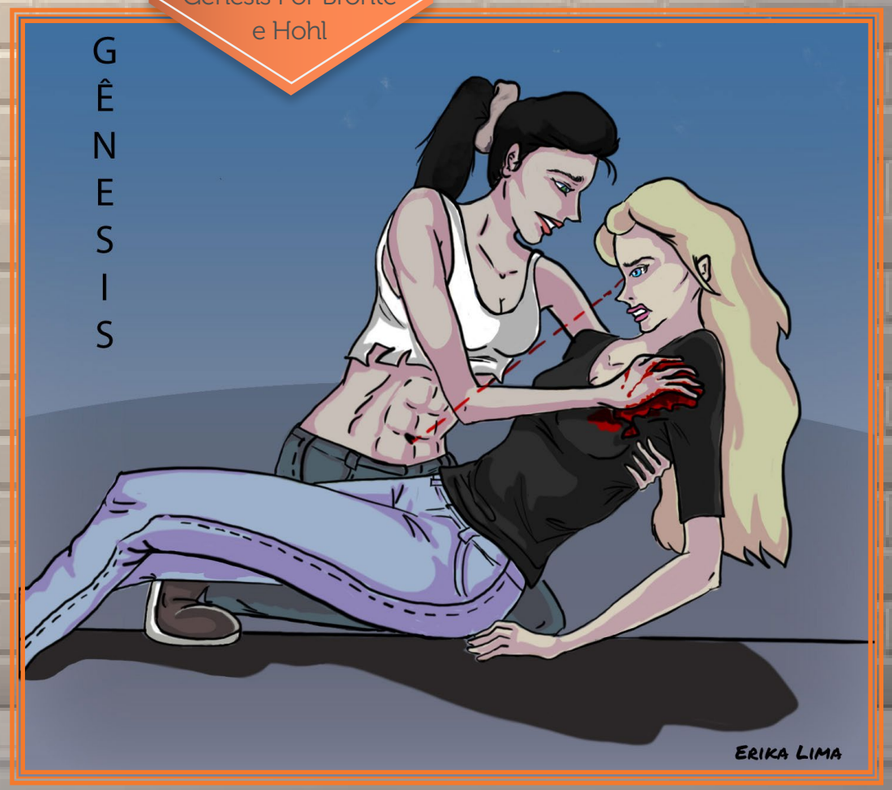
FAN ART



Artista: P. Farias
A Dona Por Thaa

Artista: Jane Formigoni
2121 Por Cristiane
Schwinden

Artista: Erika Lima
Gênesis Por Bronte
e Hohl



RESENHANDO

O SUAVE TOM DO ABISMO

Por Linier Farias

Trilogia O Suave Tom do Abismo

Autora: Diedra Roiz

Editora: Vira Letra

3 livros:

Absorção

Reflexão

Transmissão

Com a narrativa intensa e poética que lhe é peculiar, Diedra nos presenteia com uma história incrível, que se passa em um cenário distópico, num tempo futuro em que a luz do sol não brilha mais. Ao invés de dias e noites, jornadas e sono. A tecnologia também está completamente obsoleta, assim como a democracia, os direitos humanos, a liberdade...

Ou seja, com exceção das ausências da tecnologia e da luz do sol, tudo é muito similar ao mundo contemporâneo em que vivemos, não acham? Essa similaridade é o que mais assusta na história.

Mas, continuando...

A sociedade é arbitrariamente governada por aqueles que pertencem às famílias nobres.

Sofia Bonnet é a herdeira da principal delas. Uma jovem que, cercada pelo luxo da aristocracia da Cidade Alta, vive completamente alheia às condições precárias, opressoras e sobretudo desumanas as quais os habitantes da Cidade Baixa precisam se submeter.

Após sofrer uma tentativa de assassinato, Sofia é resgatada por Alexandra, assume a identidade de sua criada, Alicia, e passa a viver

Foto: Divulgação Facebook

na Cidade Baixa, com a família da mulher que lhe salvou. Um choque de realidade tão violento que — sem nem mesmo causar um abalo antes — destrói completamente todas as suas estruturas e a impele a finalmente usar do fato de ser quem é para tomar uma atitude.

Alexandra é uma caçadora voraz, destemida, implacável. Mas quando se trata da própria vida, seu passado traumático lhe tira toda a capacidade de existir de forma digna. Escondida dentro do próprio corpo como um animal acuado, sua maior batalha, durante boa parte da história, é aceitar a si própria como alguém que tem o direito de existir.

Contrariando toda a então fragilidade das outras duas personagens de quem já falei, no fim do primeiro livro, Diedra nos apresenta à Máira — a quem eu chamo carinhosamente de Mairavilhosa.

Máira nasceu no corpo de Júlio Júnior e desde muito jovem teve que comer o pão que o reverendo Samuel amassou apenas por ser quem era. Assim como Alexandra, teve que enfrentar as maiores barbaridades por não se enquadrar nos padrões impostos pelo governo opressor que lhe regia. Mas, completamente diferente da mesma Alexandra, ao invés de se retrair, resolveu lutar.

Três mulheres com personalidades distintas, pensamentos antagônicos e comportamentos incompatíveis, mas que, a despeito de suas diferenças, juntam-se em prol de um único propósito: a liberdade.

Agora, antes de continuar, algumas perguntas:

Se você fosse um líder e tivesse que optar entre o coletivo e o individual, o que escolheria?

Resposta fácil, né? Óbvia...

Como o líder ilibado que certamente seria, você optaria pelo coletivo, sempre, mesmo que, para isso, tivesse que se sacrificar.

Ok, mas agora imagine que se ao invés de se sacrificar, para atender as necessidades da massa, você precisasse sacrificar o seu filho... ou o seu pai... ou o amor da sua vida?

Ficou difícil, né?

E agora, o que fazer?

Vale tudo no amor e na guerra?

Os fins justificam os meios?

No decorrer da história, nossas três meninas — a quem eu prefiro chamar de "guerreiras" e não de "heroínas" — se deparam muitas vezes com situações capciosas, que as levam a insolucionáveis dilemas sobre o que é certo e errado. Na falta de respostas, acabam se deixando guiar pelo mais puro instinto de sobrevivência e, consequentemente, agindo e tomando decisões de forma que muitos chamariam de "contestáveis".

Mas quem tem o direito de julgá-las?

"Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não tornar-se também um monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você."

Friedrich Nietzsche

Absorção, reflexão, transmissão...

Para mim, substantivos que definem perfeitamente cada parte da trilogia.

No livro Um, sofri o baque e precisei administrá-lo, absorvê-lo, encarar a verdade que eu teimava em não querer ver, simplesmente por achar que se fechasse os olhos, a maldade do mundo deixaria de existir... pelo menos para mim, já que eu não me considerava uma vítima direta dela.

No Dois, refleti, fiz o que Wallace Stevens mandou: apaguei as luzes, joguei fora as definições... e vi que enxergar no escuro, embora me fizesse sangrar pelos olhos, era preciso.

A mensagem do livro Três, eu ainda estou vivendo e espero levá-la comigo e transmiti-la para quem eu puder, durante toda a minha existência:

A diversidade é algo inerente ao ser humano. Ser diferente não te põe em uma minoria, mas junto com a massa, pois não existe ninguém igual a ninguém, e tampouco uma fórmula que te torne um ser humano perfeito.

O certo é relativo... assim como errado. Portanto, quem somos nós para julgar as decisões dos outros? Precisamos viver e deixar viver; amar, ao invés de odiar; tentar entender, ao invés de julgar; acolher, ao invés de repelir; ser empáticos, acima de tudo; e operar primeiramente em nós mesmos as mudanças que queremos ver no mundo. L

Seu site agora!

Porttal

webdesign & hosting

porttal.com.br